

# Mercado S/A



AMAURI SEGALLA  
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

A produção de energia verde ainda é mais cara do que a convencional

## Indústria brasileira de brinquedos sofre com invasão chinesa

Fabricante do forte apache, um dos brinquedos mais icônicos para muitas gerações, a brasileira Gulliver enfrenta situação financeira difícil. Em recuperação judicial desde 2017, ela agora colocou dois galpões industriais à venda para honrar compromissos com credores. Nos últimos anos, nomes conhecidos da indústria brasileira de brinquedos, como Atma, Glasslite e Troll, fecharam as portas. O motivo da derrocada é o mesmo: a invasão de produtos chineses no mercado nacional.

## Abilio Diniz quer reforçar presença no atacarejo

O Grupo Carrefour aposta as suas fichas no formato de lojas conhecido como atacarejo, que une vendas no atacado e no varejo. Em apresentação para analistas, o empresário Abilio Diniz reforçou essa premissa. “O Carrefour nunca foi vocacionado para supermercado”, disse. No atacarejo, o Carrefour atua por meio da bandeira Atacadão — a ideia é abrir ao menos 10 unidades no Brasil em 2024. Registre-se que a Península, family office de Diniz, é, atualmente, a segunda maior acionista do Carrefour.

## Segundo Conab, colheita de cana poderá quebrar recorde

O agronegócio não para de semear bons frutos para a economia brasileira. Em seu novo relatório, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) aumentou em 3,8% a estimativa de colheita de cana no país na safra 2023/2024 — serão agora 677,6 milhões de toneladas. Se o número se confirmar, representará o melhor desempenho da história. Diversos fatores combinados explicam o fenômeno, como a expectativa de condições climáticas favoráveis e investimentos feitos por produtores.

## Brasil está longe de ser a Arábia Saudita da energia verde

Exageros à parte, o presidente Lula destacou, em visita à Arábia Saudita, o papel vital que deveremos ter na transição energética global. “Se a Arábia Saudita é o país mais importante na produção de petróleo e gás, daqui a 10 anos o Brasil vai ser chamado de Arábia Saudita da energia verde”, disse o petista, em vista ao país do Oriente Médio. Com fartos recursos naturais e expertise na área — os carros movidos a etanol são exemplo disso —, somos, de fato, vocacionados para a energia limpa. Ainda assim, o caminho será longo e certamente cheio de obstáculos. Atualmente, a participação de fontes renováveis na matriz energética brasileira é de 47%. O problema é que o percentual pouco avançou na última década. Em 2021, estava em 41%. Portanto, parece pouco provável que uma revolução ocorra nos próximos 10 anos, como prevê o presidente. E por uma razão óbvia: a produção de energia verde ainda é mais cara do que a convencional.



Divulgação

RICK WILKING



Em toda a minha vida, não conheci pessoas sábias, de qualquer área, que não lessem o tempo todo. Nenhuma. Zero"

Charlie Munger, megainvestidor e sócio histórico de Warren Buffet, que morreu na última terça-feira, aos 99 anos

### RAPIDINHAS

- » O banco de investimentos Itaú BBA recebeu, em 27 e 28 de novembro, uma delegação do Reino Unido formada principalmente por startups e representantes governamentais. O projeto é liderado pelo Centro de Inovação Agropecuária Agri-EPI em parceria com a Embrapa e busca fomentar a troca de conhecimento na área de inovação agrícola.
- » O Banco do Brasil lançou um programa para identificar funcionários negros e pardos com perfil de liderança. Segundo o BB, o objetivo é encontrar 150 profissionais para cargos como gerente executivo e superintendente. Ressalte-se que a presidente do banco, Tarciana Medeiros, é a primeira mulher negra a comandar a instituição.
- » O nível de insatisfação com o chefe está alto no Brasil. Segundo estudo feito pela consultoria EDC Group, 57% dos brasileiros consideram seus superiores na hierarquia corporativa difíceis de lidar, enquanto 45% se sentem perseguidos por eles. Entre as reclamações mais comuns estão cobrança em excesso e controle desmedido da rotina.
- » A cannabis medicinal está em alta no Brasil. Um levantamento feito pela consultoria Kaya Mind constatou que 430 mil brasileiros utilizam remédios desse tipo atualmente, o que corresponde a um aumento expressivo de 130% em relação a 2022. De acordo com o levantamento, metade dos medicamentos é importada.

## R\$ 6 bilhões

é quanto a gigante suíça Nestlé pretende investir no Brasil até 2025. Os valores serão desembolsados em novas tecnologias e na expansão de unidades fabris

## ANTES DA COP28

# Negócios com os sauditas

Embraer assina acordos de cooperação com governo e empresas do país. Presidente quer ampliar comércio e investimentos

» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva encerrou ontem sua agenda na Arábia Saudita e desembarcou em Doha, capital do Catar. O país é o segundo destino de sua viagem internacional, que tem a COP28, que começa hoje em Dubai, nos Emirados Árabes, como evento principal. Para o chefe do Executivo, o Brasil pode se inspirar nos sauditas, mas na área de energia limpa — o país árabe é um dos maiores exportadores de petróleo do mundo. A agenda de Lula ontem foi centrada na relação empresarial entre as nações, incluindo um seminário organizado pela Embraer, que assinou três acordos de cooperação.

A transição energética é o tema central da última viagem de Lula ao exterior neste ano. Durante a mesa redonda com empresários e integrantes dos governos, o brasileiro disse esperar a cooperação com a Arábia Saudita para a organização do G20 — cuja presidência o Brasil assume amanhã — e da COP30, que será realizada em Belém, no Pará, em 2025.

“Daqui a 10 anos, o mundo vai dizer que, se a Arábia Saudita é o país mais importante na produção de petróleo e gás, o Brasil será a Arábia Saudita da energia verde, renovável. Porque é para isso que estamos trabalhando”, discursou o presidente. Lula também destacou a entrada do país árabe no Brics e pediu contribuição saudita ao New Development Bank (NDB), o “banco do Brics”.

Lula quer atrair investimentos sauditas para o Brasil e estabelecer como empresários brasileiros

podem investir no país árabe — uma “nova forma de fazer política externa”, segundo ele.

Após a mesa redonda, Lula participou de seminário realizado pela Embraer. Durante o evento, a empresa assinou três memorandos de entendimento: um com o governo saudita; outro com a empresa de defesa Sami; e um terceiro com a empresa Fly-Nas sobre venda do Eve, o “carro voador” da Embraer. Os acordos incluem também a possível fabricação de aviões KC-390 no Oriente Médio, no futuro.

Em conversa com jornalistas antes de embarcar para o Catar, o presidente mencionou que, desde 2009, quando visitou a Arábia Saudita pela primeira vez, o volume de comércio entre as nações subiu de R\$ 1 bilhão para R\$ 8 bilhões por ano, o que ele considera pouco. “É importante a associação entre empresas para que os dois países possam crescer e gerar empregos. Eu acho que a história da relação entre Brasil e Arábia Saudita mudará a partir desse encontro”, avaliou.

Hoje, Lula tem compromissos no Catar. Ele participa de outro encontro com empresários — desta vez, cataris — e de reunião com o emir Tamim bin Hamad al-Thani, autoridade máxima do país, com quem deve discutir a retirada de brasileiros da Faixa da Gaza. O Itamaraty estima que ainda existem 86 nacionais e familiares que querem deixar a região. O Catar é um dos principais articuladores da trégua entre Israel e o grupo Hamas e da retirada de civis. Lula também sinalizou que pode se reunir com o presidente de Israel, Isaac Herzog, durante a COP28.

Foto: Ricardo Stuckert / PR



Lula e comitiva na chegada ao Catar: reunião com empresários e retirada de civis de Gaza na agenda

## “Trabalhador não ganha com desoneração”

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva manifestou-se ontem, pela primeira vez, sobre seu veto ao projeto que prorrogaria a desoneração da folha de pagamento. Para o chefe do Executivo, o benefício precisa ser acompanhado de uma contrapartida aos trabalhadores. Ele rebateu também a afirmação de que o veto colocaria em risco empregos dos 17 setores afetados, e disse que trabalha, desde o início do ano, para criar uma “nova relação entre trabalho e capital no Brasil”.

Lula conversou com jornalistas em Riad, Arábia Saudita, logo antes de partir para o

Catar. Ele foi questionado sobre a preocupação dos empresários com o veto, assinado na semana passada, especialmente sobre a possível queda nos postos de emprego. “Eu não sei se eles estão preocupados. Eu não sei qual é a razão. Pelo fato de gerar mais empregos não foi, porque não tem nada na lei que diz que vai gerar mais empregos se tiver desoneração”, respondeu o chefe do Executivo.

Representantes de 17 setores argumentam que acabar com a desoneração pode colocar empregos em risco — a estimativa é de que as empresas empreguem,

ao todo, nove milhões de trabalhadores. Lula disse que o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, está trabalhando em uma alternativa para compensar a reoneração, e que é preciso pensar em uma contrapartida à medida. Desde 2011, as companhias deixam de pagar os 20% de contribuição patronal sobre a folha para recolher entre 1,5% e 4,5% do faturamento. O projeto votado por Lula prorrogaria o benefício até 2027.

O presidente também admitiu que o veto pode ser derubado pelos parlamentares — o presidente do Senado,

Rodrigo Pacheco (PSD-MG) espera que a medida seja apreciada até a semana que vem. “Os trabalhadores precisam ganhar alguma coisa nessa história. A empresa deixa de contribuir sobre a folha, mas o trabalhador ganha o quê? Não tem nada escrito que ele vai ganhar um real a mais no seu salário”, apontou Lula. Ele disse atuar em conjunto, desde o início do ano, com entidades sindicais e empresários, e declarou que o fortalecimento dos sindicatos também fortalece as empresas e a própria democracia. (VC)



“Daqui a 10 anos, o mundo vai dizer que, se a Arábia Saudita é o país mais importante na produção de petróleo e gás, o Brasil será a Arábia Saudita da energia verde, renovável.

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República